



emprego, salário e taxa de ocupação

Logo após o retorno das atividades da indústria brasileira nesta primeira quinzena de janeiro de 2009, cresce o temor de que em muitos de seus setores venha a ocorrer um grande número de demissões de trabalhadores. Dentre esses setores, devem ser assinalados aqueles mais dependentes do crédito e da exportação, como é o caso dos segmentos de bens de consumo duráveis – especialmente montadoras e respectiva cadeia produtiva (siderurgia, autopeças etc.); do segmento de bens de capital, máquinas e equipamentos, além dos ramos da construção civil, papel e celulose, couro, madeira e agroindústria.

Com base nas informações coletadas pelo IBGE em novembro de 2008, através da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física–Brasil, tanto no acumulado janeiro-novembro/08 quanto no dos últimos 12 meses, foram registrados fortes incrementos no setor industrial, respectivamente, 4,8% e 4,7%.

Porém, logo após o mês de setembro de 2008 – começo da crise de crédito –, iniciou-se forte desaceleração na taxa de crescimento do produto físico, em quase a totalidade dos segmentos industriais e, especialmente, nos setores produtivos acima referidos. Assim, os dados relatam que, no confronto novembro/08 com outubro/08, a produção industrial recuou menos 5,2%, gerando no acumulado bimestral (set/08-nov/08) perdas de produção da ordem de -7,9%.

Por sua vez, o IBGE salienta que a queda no produto industrial de -5,2%, observada na passagem de outubro/08 para novembro/08 constituiu-se no maior recuo já registrado desde maio de 1995, o que provocou um retorno da produção industrial brasileira para o nível de maio de 2007. O Instituto indica que esse recuo foi o reflexo negativo e quase generalizado na produção industrial, observado em 21 dos 27 ramos de atividade pesquisados pelo IBGE, e em todas as

quatro categorias de uso. Desse modo, expressivos recuos no produto industrial foram registrados nos segmentos de veículos automotores (-22,6%), máquinas e equipamentos (-11,9%), edição e impressão (-14,8%), indústrias extrativas (-10,9%) e metalurgia básica (-10,2%).

No tocante às categorias de uso, os dados do IBGE também mostram fortes quedas na produção física em todas essas categorias, ainda que com maior força no segmento de bens de consumo duráveis, o qual, nesse mesmo período de comparação, registrou queda no produto industrial de -20,4% – diga-se de passagem, o maior recuo observado desde dezembro de 1997, seguido pelo segmento de bens de capital, com queda de -4,0%, pelo de bens intermediários com recuo de -3,9%, e com redução mais moderada, de -0,7%, no segmento de bens de consumo semi e não-duráveis.

Os dados do IBGE apontam, também, que na comparação com igual mês do ano de 2007, o recuo de -6,2% na produção industrial quase se igualou àquele registrado em dezembro de 2001 (que foi de -6,4%), sinalizando, desse modo, para um intenso aprofundamento do ritmo de desaceleração da indústria brasileira para a quase totalidade dos setores industriais. Assim, dos 27 ramos pesquisados pelo IBGE, 22 exibiram expressivos recuos na produção industrial, com destaque para veículos automotores (-18,3%), outros produtos químicos (-13,0%), material eletrônico e equipamentos de comunicações (-20,5%), máquinas para escritório e equipamentos de informática (-29,7%), além de borracha e plástico (com queda de -16,5%). O quadro produtivo torna-se mais sombrio quando se verifica que 64% dos 755 produtos investigados pelo IBGE registraram queda na produção nesse mesmo período de comparação, um nível recorde desde janeiro de 2003, mês em que se iniciou a nova série desses indicadores.

Ainda no comparativo entre novembro/08 e novembro/07, as informações coletadas pelo IBGE evidenciam que apenas o segmento de bens de capital manteve uma trajetória de expansão (3,6%), uma vez que em todos os demais segmentos ocorreram expressivas quedas, como é o caso de bens de consumo duráveis (-22,1%), de bens intermediários (-7,5%) e de bens de consumo semi e não-duráveis (-2,8%).

Quanto às informações recentemente divulgadas pelo IBGE e referentes ao emprego industrial, deve-se assinalar que elas refletem decisões empresariais tomadas em meses anteriores, ou seja, que há uma defasagem entre a queda da produção e cortes no emprego. Assim, os dados de emprego industrial referentes ao mês de novembro e recentemente divulgados não refletem ainda o que vem ocorrendo com o produto industrial. Desse modo, o ajuste do emprego às fortes quedas na produção industrial dependerá do comportamento futuro da demanda e tudo indica que esse ajuste deverá começar a ser observado a partir de fevereiro de 2009.

Deve-se salientar que os dados existentes na pesquisa de emprego industrial, relativos a novembro de 2008, lançam alguma luz sobre o que deverá ocorrer com o emprego nos próximos meses. O indicador do número de horas pagas parece evidenciar que cortes no emprego deverão ocorrer ao longo dos próximos períodos, isto porque o empresário, quando detecta uma queda na demanda imediatamente reduz o total de horas pagas. Caso persista a queda na demanda, a empresa passará a demitir trabalhadores de modo a ajustar seu atual nível de produção ao novo nível de demanda. Ora, os dados do IBGE, relativos às horas pagas, informam que ocorreu redução de -1,7% nesse indicador, na comparação com o mês imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal, constituindo-se na maior queda em toda a série histórica iniciada em 2001. Quanto ao emprego industrial, segundo o IBGE, o mesmo caiu 0,6% em novembro/08 em comparação a outubro/08, o maior recuo registrado desde outubro de 2003.

Já na comparação novembro/08 com novembro/07, o aumento de 0,4% no emprego industrial foi influenciado pelo aumento registrado em oito dos 14 locais pesquisados pelo Instituto, com destaque para Minas Gerais (2,9%) e São Paulo (0,7%), graças ao crescimento do emprego industrial em alimentos e bebidas (7,7%) e metalurgia básica (8,7%) no primeiro Estado e de meios de transporte (3,9%) e alimentos e bebidas (3,0%) no segundo. Por sua vez, Santa Catarina (-2,8%) e Paraná (-1,6%) registraram fortes impactos negativos provenientes dos setores de vestuário (-14,8% e -19,0%, respectivamente) e de madeira (respectivamente, -11,2% e -16,5%).

Informa ainda o IBGE que, em novembro de 2008, a folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria apresentou taxa negativa de crescimento (-3,1%) em face do mês imediatamente anterior, enquanto no acumulado tanto de 12 meses até novembro de 2008 quanto no de janeiro-novembro, o incremento de ambos os períodos foi positivo e igual a 6,3%.

O IBGE, em outra pesquisa, a mensal de emprego, registra que a taxa de desocupação em novembro de 2008 foi de 7,6 %, permanecendo ligeiramente acima da registrada em outubro de 2008 (7,5%), porém declinando em 0,6 pontos percentuais em relação à observada em novembro de 2007 (quando atingiu 8,2%). Os dados do IBGE indicam, também, que o contingente de pessoas ocupadas, estimado em 22,1 milhões em novembro de 2008, para o total das seis regiões metropolitanas, apresentou-se estável em relação outubro/08 e cresceu 2,9% na comparação com novembro de 2007.

Quanto ao rendimento médio real habitualmente recebido pelos trabalhadores, segundo o IBGE, em novembro de 2008, o valor foi estimado em R\$1.273,60 (um mil, duzentos e setenta e três reais e sessenta centavos), apresentando incremento positivo de 0,9% em relação a outubro de 2008 e de 4,0% com igual mês de 2007. Por seu turno, a massa de rendimento real efetivo da população ocupada atingiu R\$ 28,2 bilhões,

segundo os dados da Pesquisa Mensal de Emprego de novembro de 2008, com abrangência para o total das seis regiões metropolitanas, representando, desse modo, um incremento de 0,4% em comparação ao mês imediatamente anterior.

Como se pode notar, os dados publicados pelo IBGE até este momento, embora registrem fortes quedas no nível da produção industrial, ainda não refletem o que poderá vir a ocorrer no mercado de trabalho da Indústria de Transformação. Deve-se salientar, todavia, que dados preliminares do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho indicam uma perda de 600 mil empregos no mês de dezembro de 2008, o que resultaria para esse ano em um acréscimo de 1,5 milhões de empregos. A recente perda de postos de trabalho, creditada a 2008, deverá ser agravada pelas demissões que já estão sendo registradas, principalmente nos setores acima referidos, situação que, se for mantida, prejudicará em muito as perspectivas de emprego anteriormente previstas para o ano de 2009.

(*) Professor da FEA-USP.
(E-mail: enriquez@usp.br).